

# O modelo da linguística saussuriana é a democracia?

Leonardo Paiva Fernandes

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil  
leop\_fernandes@yahoo.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.728>

## Resumo

A partir do quadro teórico da História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 2008, 2009; COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010; GUIMARÃES, 2004; ORLANDI; GUIMARÃES, 2002; PUECH, 2013), em diálogo com a Análise do discurso (GADET; PÊCHEUX, 2004; PÊCHEUX, 1998), analisamos formulações que dizem respeito à ciência e à linguística em *O prazer do texto* (BARTHES, 1987). Questionamos como Saussure retorna a Barthes em uma fase de descrença do modelo linguístico/semiológico saussuriano.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Ferdinand de Saussure; História das Ideias Linguísticas; Roland Barthes; semiologia.

## Is the model of Saussurean Linguistics the democracy?

### Abstract

Based on the theoretical framework of the History of Linguistic Ideas (AUROUX, 2008, 2009; COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010; GUIMARÃES, 2004; ORLANDI; GUIMARÃES, 2002; PUECH, 2013) in its possible relation with Discourse Analysis (GADET; PÊCHEUX, 2004; PÊCHEUX, 1998), this paper analyzes some formulations from *The Pleasure of the Text* (BARTHES, 1987), which concerns science and linguistics. It is questioned how Saussure returns to Barthes in a disbelief stage of the Saussurean Linguistic/Semiologic model.

**Keywords:** Discourse Analysis; Ferdinand de Saussure; History of Linguistic Ideas; Roland Barthes; semiology.

## Introdução

Neste artigo, mostramos como Roland Barthes, em *O prazer do texto*, criticou o modelo de cientificidade da *semiologia*. Focamos nossa leitura no momento de descoberta e de divulgação dos estudos saussurianos acerca dos anagramas, cuja primeira publicação, apresentada e comentada por Jean Starobinski (1971), ocorreu em 1964. Tal momento produziu historicamente uma divisão da figura de Ferdinand de Saussure, opondo o “Saussure do Curso” ao “Saussure dos Anagramas”. Outrora já dividido entre o autor noturno (o teórico especulativo) do *Curso de Linguística Geral* (CLG)<sup>1</sup> e o cristalino (o genial e positivo) do *Mémoire* (PUECH, 2013), Saussure foi tido, no início dos anos 70, como o homem que ora tilintou o metal solar da ciência da língua, ora palmilhou a pedra lunar da poética da língua.

---

<sup>1</sup> Doravante, CLG.

## Roland Barthes e o projeto semiológico de Ferdinand de Saussure

A perspectiva da História das Ideias Linguísticas nos ensina que uma disciplina não surge do nada, como brotasse por acaso nos trâmites da história. Os saberes são construídos ao longo da história, e, por meio dos rastros da historicidade desses saberes, entendemos que o conhecimento produzido e os conceitos elaborados em uma disciplina fazem parte de uma conjuntura científica dada (AUROUX, 2008, 2009; COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010). As condições específicas de produção do processo de disciplinarização (ORLANDI; GUIMARÃES, 2002) da semiologia na França remontam ao nome de Saussure como horizonte de retrospecto privilegiado. Neste artigo, optamos por uma análise de obras específicas que resultaram da atividade de produção do conhecimento (GUIMARÃES, 2004) relacionadas ao processo de disciplinarização da semiologia barthesiana.

Dos manuais de semiologia<sup>2</sup> (GUIRAUD, 1973; MOUNIN, 1970) aos manuais e dicionários de linguística e das ciências da linguagem (DUBOIS et al., 1973; LEROY, 1971; TODOROV; DUCROT, 1977), passando por obras que debateram questões relacionadas à teoria de Saussure (ARRIVÉ, 2010; CALVET, 1977; MILNER, 2002), notamos a frequente citação do postulado do “programa semiológico”<sup>3</sup> presente no *CLG*:

Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral; chamá-la-emos de *semiologia* (do grego *sêmeion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a semiologia descobrir serão aplicáveis à linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, 2006, p. 24, grifo do autor).

Saussure é tomado como um domínio de memória (CHISS; PUECH, 1994) no que tange à concepção da semiologia como *ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social*. O autor faz uma projeção da disciplina e adverte que, quando ela estiver organizada,

[...] deverá averiguar se os modos de expressão que se baseiam em signos inteiramente naturais [...] lhe pertencem de direito. Supondo que a semiologia os acolha, *seu principal objetivo não deixará de ser o conjunto de sistemas baseados na arbitrariedade do signo*. Com efeito, todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção. (SAUSSURE, 2006, p. 82, grifo nosso).

---

<sup>2</sup> George Mounin afirma que o projeto semiológico saussuriano se dividiu entre a *semiologia da comunicação* e a *semiologia da significação*. Louis-Jean Calvet critica fortemente essa divisão de Mounin. Para mais detalhes dessa querela teórica, cf. Mounin (1970) e Calvet (1973, 1977).

<sup>3</sup> Como aponta Michel Arrivé (2010), antes mesmo de estabelecer a disciplina da semiologia, Barthes acolheu o ensino de Saussure e o levou em conta em suas reflexões, que inicialmente eram comuns às reflexões de Algirdas Greimas. Tal convergência quanto às ideias saussurianas divergiram entre os dois autores no tocante à disciplinarização da semiologia, por parte de Barthes, e à disciplinarização da semiótica, por parte de Greimas. Para Arrivé, “o *CLG*, *exclusivamente programático no que se refere à semiologia*, não fornece imediatamente os conceitos necessários para o estabelecimento de tal semiologia” (ARRIVÉ, 2010, p. 217, grifo nosso).

Nosso percurso de leitura nos leva à *Mitologias*, publicada em 1957. É a partir dessa obra que Barthes inicia sua trajetória pelo pensamento saussuriano. O autor compreende esse momento como o da constituição de uma *cientificidade da semiologia*. Inicialmente, a disciplina surgiu como um método de leitura e de denúncia dos mitos pequeno-burgueses, sendo descrita como um método fundamental da crítica ideológica (BARTHES, 2001a). Barthes diz que a semiologia foi, aos poucos, ganhando o corpo disciplinar de que ela necessitava para se fundamentar como ciência, fato que culmina com a preparação do seminário organizado na *École Pratiques des Hautes Études* em 1962-1963 (BARTHES, 1971a), e com a publicação de *Elementos de semiologia* em 1964<sup>4</sup>, obra que foi um marco fundamental no estabelecimento do que ficou conhecido na França como estruturalismo (NORMAND, 2004). *Elementos de semiologia* foi publicada na edição número 4 da revista *Communications*.

Se compreendida em sua historicidade, a fundação da semiologia nos apresenta o modo como a noção saussuriana de signo sustentou as ideias barthesianas e quais foram os seus efeitos em sua disciplinarização. Vale destacar a inversão que Barthes faz da proposição saussuriana: “a Linguística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência geral dos signos: a Semiologia é que é uma parte da Linguística; mais precisamente, a parte que se encarregaria das *grandes unidades significantes* do discurso” (BARTHES, 1971b, p. 13, grifo do autor). *Elementos de semiologia* não tem “outro objetivo que não seja tirar da Linguística os conceitos analíticos a respeito dos quais se pensa *a priori* serem suficientemente gerais para permitir a preparação da pesquisa semiológica” (BARTHES, 1971b, p. 13). Segundo Christian Puech (2013) e Simon Bouquet (2000), Barthes é o teórico que produziu uma leitura paralinguística do *CLG*. Levamos em conta que tal afirmação é válida em algumas obras de Barthes (como *Elementos de semiologia* e *Sistema da moda*), mas, se nos voltamos a outros trabalhos do autor, notamos que Barthes vai *além* da paralinguística ao se relacionar com a teoria saussuriana.

No artigo que deu origem a este texto (FERNANDES, 2015), comentamos como Barthes releu os conceitos saussurianos de analogia, signo, significado, signifiante, significação e valor, particularmente no texto “Saussure, o signo, a democracia”, publicado em 1973<sup>5</sup>. Segundo Barthes, o valor é “o conceito redentor, que permite salvar a perenidade da língua e superar aquilo que se deve chamar de *angústia fiduciária*” (BARTHES, 2001b, p. 174, grifo do autor). Nesse texto, Barthes afirma que Saussure tem uma concepção da linguagem muito próxima da de Paul Valéry: tanto para este quanto para aquele autor, “o comércio, a linguagem, a moeda e o direito são definidos por um mesmo regime, o da reciprocidade: não podem se manter sem um contrato social, pois só o contrato pode corrigir a falta de lastro” (BARTHES, 2001b, p. 174). Barthes explica que a questão do valor é colocada como a grande cartada de Saussure, cartada essa que conseguirá trazer a formulação para o autor de que *o modelo da linguística saussuriana é a democracia*. Isso se deve ao fato de que o signo, por não

---

<sup>4</sup> “Ao meu lado, a ciência semiológica se elaborava e se desenvolvia segundo a origem, o movimento e a independência própria de cada pesquisador (estou pensando principalmente nos meus amigos e companheiros Greimas e Eco); foram feitas junções com grandes irmãos mais velhos, como Jakobson e Benveniste, e pesquisadores mais novos tais como Bremond e Metz; uma Associação e uma *Revista Internacional de Semiologia* são criadas” (BARTHES, 2001a, p. XIV). Infelizmente não poderemos desenvolver aqui as relações e os confrontos que a semiologia barthesiana manteve com outros projetos semiológicos desenvolvidos na mesma época por outros teóricos.

<sup>5</sup> Mesmo ano da primeira edição de *O prazer do texto*.

se manter por si só<sup>6</sup>, “tem de se apoiar, para durar, nos seus entornos; as relações de vizinhança (de concidadania) vão tomar o lugar das relações de significação, o contrato vai substituir a natureza periclitante, porque incerta” (BARTHES, 2001b, p. 171-172). Talvez seja em “O valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual”, segunda parte do capítulo “O valor linguístico” presente no *CLG*, que tal comentário tenha encontrado base para emergir, já que Saussure afirma que a língua “é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 2006, p. 133). No *CLG*, o esquema inserido abaixo ilustra esse comentário:



Figura 1. Esquema presente no *CLG* (SAUSSURE, 1995, p. 159) acerca do sistema de termos solidários

A conclusão de que o modelo da linguística saussuriana é a democracia surge em Barthes um incômodo. E de onde surge esse incômodo? Surge, exatamente, da figura de um Saussure dividido, daquele Saussure que, durante a noite, tateia em poemas a pedra-significante do poético. Para Barthes, o “Saussure dos Anagramas” fez com que o “Saussure do Curso” enlouquecesse e passasse a vida “entre a angústia do significado perdido e o retorno terrificante do significante puro” (BARTHES, 2001b, p. 175).

Barthes (2001a) comenta que na sua “terceira experiência semiológica”, iniciada por volta de 1966, o Texto, *pensado em sua prática*, passa a ser privilegiado em detrimento do *modelo estrutural* da fase de cientificidade da semiologia<sup>7</sup>. As referências

<sup>6</sup> Um autor que expressa o mesmo pensamento de Barthes é Jean-Claude Milner: « si un signe donné tient, c’est par les autres signes » (MILNER, 2002, p. 33). É interessante notar que, em um dos trechos em que a unicidade do sistema é tratada na obra *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale*, Robert Godel afirma que a « conception du système fondée sur les solidarités et celle qui s’appuie sur le principe de non-isolement ont peine à se rejoindre ; et pourtant, il paraît certain que dans l’esprit de Saussure elles ne correspondaient pas à deux ordres de faits distincts et devaient se superposer exactement » (GODEL, 1969, p. 229).

<sup>7</sup> Ao fazer um balanço de suas “experiências semiológicas”, o autor aponta duas grandes modificações de seu projeto desde *Mitologias*: a) “no que concerne [...] à cientificidade da Semiologia, não posso acreditar hoje, e não desejo, que a semiologia seja uma ciência simples, uma ciência positiva, e isso por uma razão primordial: pertence à semiologia, e talvez, de todas as ciências humanas, hoje, apenas à Semiologia, questionar o seu próprio discurso: ciência da linguagem, das linguagens, ela não pode aceitar a sua própria linguagem como um dado, uma transparência, uma ferramenta, em suma, uma metalinguagem; fortalecida com as aquisições da psicanálise, interroga-se sobre o *lugar de onde fala*, interrogação sem a qual toda ciência e toda crítica ideológica são derrisórias: para a Semiologia, pelo menos assim desejo, não existe uma *extraterritorialidade* do sujeito, ainda que fosse sábio, com relação ao seu discurso; noutras palavras, finalmente, a ciência não conhece nenhum lugar de segurança, e nisso ela deveria reconhecer-se como escrita;” b) “no que concerne ao segundo ponto, a saber, o engajamento ideológico da Semiologia, direi que, a meus olhos, o que está em jogo cresceu consideravelmente: o escopo da Semiologia não é mais simplesmente, como no tempo das *Mitologias*, a tranquilidade da consciência pequeno-burguesa; é o sistema simbólico e semântico de nossa civilização, na sua totalidade; é muito pouco querer mudar conteúdos; é necessário sobretudo visar a *fissurar* o próprio sistema do sentido: sair do cercado ocidental, como já postulei no meu texto sobre o Japão [*O império dos signos*]” (BARTHES, 2001a, p. XVII, grifo do autor).

a Saussure diminuem gradativamente durante a “terceira experiência semiológica” barthesiana, de modo que em *O prazer do texto* não encontramos uma citação sequer ao nome do genebrino. Michel Arrivé (2010) comenta que as citações a Saussure desaparecem em textos posteriores a *Elementos de semiologia*, obra em que as referências teóricas são explanadas com mais precisão e constância. Se as “últimas ramificações das veredas saussurianas de Barthes” (ARRIVÉ, 2010, p. 218) são de difícil sinalização, buscamos em *O prazer do texto* as possíveis respostas para as nossas indagações: como Saussure aparece em obras que criticam o modelo de cientificidade da semiologia? O “Saussure do Curso” teria dado lugar ao “Saussure dos Anagramas” nos estudos semiológicos de Barthes? Historicamente, a divisão saussuriana teve algum papel na virada teórica da disciplina semiologia?<sup>8</sup>

### O Texto, o prazer

As condições específicas de produção da linguística no século XX nos remetem aos efeitos do estruturalismo em torno do nome de Saussure (RIBEIRO, 2014). “Qualquer apresentação da teoria saussuriana já é um posicionamento e um partidarismo em relação às condições históricas de cientificidade da linguística”, dizem-nos Françoise Gadet e Michel Pêcheux (2004, p. 56). Ao comentarem a questão da divisão saussuriana, os autores afirmam que Saussure constitui, direta ou indiretamente,

[...] a pedra de toque de todas as escolas linguísticas atuais<sup>9</sup>, o seu ponto de partida crítico. Em nome de Saussure, os linguistas se dividem, porque o próprio Saussure carrega em si essa divisão, que transparece na dicotomia fácil que opõe o Saussure do [CLG] (tanto mais claro e frio quanto for comentado segundo a leitura dos editores), ao dos [Anagramas] (em que vaga a obscura loucura da decodificação, das associações escondidas nos versos saturninos). O hermeneuta renegado pelo universitário, a esquizofrenia trabalhando para desfazer, à noite, o que a mania das dicotomias havia tecido: a favor ou contra Saussure, todas as combinações do positivo ao negativo foram tentadas, sem esgotar o segredo do “projeto saussuriano”. (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 55).

No decorrer da década posterior a maio de 1968, Pêcheux aponta que

[...] as evidências induzidas pelo que poderíamos chamar de a *revolução cultural abortada* dos anos 60 vêm afetar o dispositivo intelectual das Ciências Humanas; o esgotamento dos efeitos do movimento estruturalista acarreta, para a disciplina que deu seu nome a este movimento, uma reconfiguração de seu dispositivo de embasamentos epistemológicos. (PÊCHEUX, 1998, p. 18, grifo do autor).

Segundo Pêcheux (1998, p. 19), “o período de 1960-1975 se caracteriza, pelo menos no que diz respeito à França [...], por uma reestruturação global da rede de afinidades disciplinares em torno da Linguística”.

---

<sup>8</sup> Tomamos a divisão saussuriana entre o autor noturno e diurno como um movimento histórico dentro do campo das ciências da linguagem. Nós não nos posicionamos junto aos teóricos que opõem o *autor-lúcido* do CLG e o *autor-louco* dos estudos dos Anagramas.

<sup>9</sup> A *língua inatingível* foi publicada em 1981.

No final dos anos 70, o esgotamento do efeito Saussure marca o momento histórico segundo o qual “a Linguística perdeu progressivamente seus ares de ciência-piloto no campo das Ciências Humanas e Sociais” (PÉCHEUX, 1998, p. 13).

Leyla Perrone-Moisés (2008, p. 57) afirma que “toda a obra de Barthes, em sua multiplicidade, em sua ‘infidelidade’ a posições anteriormente ocupadas (mas nunca assumidas), persegue obstinadamente este objetivo: a caça (e a fuga) ao estereótipo”. Em *O prazer do texto*, o autor atacou o imaginário científico da sistematicidade estruturalista, trazendo à cena “o que ele recalrava, fazia implodir o sujeito intelectual” (PERRONE-MOISÉS, 2008, p. 58). Segundo a autora,

[...] em 1973, Barthes abandonou o projeto “científico” da semiologia (com *O Prazer do texto*), e em 1977 fez o balanço dessa fase em sua *Aula Inaugural no Collège de France*. O fim do estruturalismo foi, assim, decretado no interior do próprio movimento, em certos casos pelos mesmos teóricos que o haviam teorizado. O estruturalismo não foi, portanto, como até hoje dizem os seus críticos, uma moda nociva finalmente superada pelos bons métodos tradicionais, mas um movimento que morreu de morte natural, pelas mãos de seus próprios praticantes. Morreu para prosseguir, transformando-se em outra coisa, muito menos tradicional do que ele. (PERRONE-MOISÉS, 2004, p. 215-217).

Embora discordemos do comentário acerca da “morte do estruturalismo”, de que essa morte tenha se dado de maneira natural e pelas mãos de seus próprios praticantes, concordamos com a afirmação de que Barthes abandona o projeto científico da semiologia e se afasta do “movimento” estruturalista (abandono e afastamento marcados, sobretudo, pela conjuntura teórica da época). Formulações a respeito desse abandono surgem aos saltos em *O prazer do texto*: especificamente, eles tecem críticas à linguística como modelo de ciência da língua e como modelo da semiologia. Observemos algumas formulações:

a) o texto que deseja (a escritura como *ciência das fruições da linguagem* [*science des jouissances du langage*]):

O texto que o senhor escreve tem de me dar prova *de que ele me deseja*. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem [*science des jouissances du langage*], seu *kama-sutra* (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura). (BARTHES, 1987, p. 11, grifo do autor).

Le texte que vous écrivez doit me donner la preuve *qu’il me désire*. Cette preuve existe : c’est l’écriture. L’écriture est ceci : la science des jouissances du langage, son *kāmasūtra* (de cette science, il n’y a qu’un traité : l’écriture elle-même). (BARTHES, 1973, p. 14, grifo do autor).

b) o fenotexto como “corpo” da ciência:

Parece que os eruditos árabes, falando do texto, empregam esta expressão admirável: *o corpo certo*. Que corpo? Temos muitos; o corpo dos anatomistas e dos fisiologistas; aquele que a ciência vê ou de que fala: é o texto dos gramáticos, dos críticos, dos comentadores, filólogos (é o fenotexto). Mas nós temos também um corpo de fruição feito unicamente de relações eróticas, sem qualquer relação com o primeiro: é um outro corte, uma outra nomeação; do mesmo modo o texto: ele não é senão a lista aberta dos fogos da linguagem (esses fogos vivos, essas luzes intermitentes, esses traços

vagabundos dispostos no texto como sementes e que substituem vantajosamente para nós as *semina aeternitatis* [sementes da eternidade], os *zopyra* [fogos vivos], as noções comuns, as assunções fundamentais da antiga filosofia). O texto tem uma forma humana, é uma figura, um anagrama do corpo? Sim, mas de nosso corpo erótico. O prazer do texto seria irreduzível a seu funcionamento gramatical (fenotextual), como o prazer do corpo é irreduzível à necessidade fisiológica. (BARTHES, 1987, p. 25, grifo do autor).

Il paraît que les érudits arabes, en parlant du texte, emploient cette expression admirable : *le corps certain*. Quel corps? Nous en avons plusieurs; le corps des anatomistes et des physiologistes, celui que voit ou que parle la science : c'est le texte des grammairiens, des critiques, des commentateurs, des philologues (c'est le phéno-texte). Mais nous avons aussi un corps de jouissance fait uniquement de relations érotiques, sans aucun rapport avec le premier : c'est un autre découpage, une autre nomination ; ainsi du texte : il n'est que la liste ouverte des feux du langage (ces feux vivants, ces lumières intermittentes, ces traits baladeurs disposés dans le texte comme des semences et qui remplacent avantageusement pour nous les « *semina aeternitatis* », les « *zopyra* », les notions communes, les assomptions fondamentales de l'ancienne philosophie). Le texte a une forme humaine, c'est une figure, un anagramme du corps? Oui, mais de notre corps érotique. Le plaisir du text serait irréductible à son fonctionnement grammairien (phéno-textuel), comme le plaisir du corps est irréductible au besoin physiologique. (BARTHES, 1973, p. 29-30, grifo do autor).

Em *O prazer do texto*, a escritura toma o lugar da ciência positiva na crítica ao modelo de cientificidade da semiologia. A *ciência das fruições da linguagem* pretende dar ao corpo erótico o seu devido lugar nos estudos da linguagem. Como afirma Barthes, o texto tem uma forma humana, é uma figura, um anagrama do corpo erótico: *é a presença do sujeito no texto*. O fenotexto (entendido como o “corpo” da ciência positiva) não é rejeitado pelo autor, dado que é nele que “a significância *opera* [a sua ação revolucionária] na medida em que encontra seu equivalente na cena da realidade social” (KRISTEVA, 2005a, p. 12, grifo da autora). Embora não seja rejeitado, o fenotexto perde o seu caráter de objeto central na ciência da linguagem. Essa relação posta pelo autor vai de encontro a questões que Julia Kristeva havia formulado em “O Texto e sua ciência”, presente em *Introdução à semanálise [Recherches pour une sémanalyse]*, de 1969:

Tocar nos tabus da língua, redistribuindo suas categorias gramaticais e remanejando suas leis semânticas é, pois, também tocar nos tabus sociais e históricos; mas essa regra contém ainda um imperativo: o *sentido* dito e comunicado do texto (do fenotexto estruturado) *fala e representa* essa ação revolucionária que a significância *opera* na medida em que encontra seu equivalente na cena da realidade social. Assim, por um duplo jogo, na matéria da língua e na história social, o texto se instala no real que o engendra: ele faz parte do vasto processo do movimento material e histórico, se não se limita – enquanto significado – a se autodescrever ou a se abismar numa fantasmática subjetivista. (KRISTEVA, 2005a, p. 11-12, grifo da autora).

Não podemos afirmar que Barthes ataque diretamente a linguística saussuriana, dado que a grande crítica do autor caminha em direção ao texto (corpo frio, morto?) dos “anatomistas e fisiologistas” da linguagem. Aos poucos, porém, percebemos que Barthes projeta, tal como o faz Saussure e sua semiologia, uma *nova e subversiva*

*ciência linguística* que pretende ir contra os estereótipos da língua. Seriam esses “estereótipos da língua” um reflexo do modelo de análise da língua pós-saussuriana?

O estereótipo é a palavra repetida, fora de toda magia, de todo entusiasmo, como se fosse natural, como se por milagre essa palavra que retorna fosse a cada vez adequada por razões diferentes, como se imitar pudesse deixar de ser sentido como uma imitação: palavra sem cerimônia, que pretende a consistência e ignora sua própria insistência. Nietzsche fez o reparo de que a verdade não era outra coisa senão a solidificação de antigas metáforas. Pois bem, de acordo com isso, o estereótipo é a via atual da verdade, o traço palpável que faz transitar o ornamento inventado para a forma canonical, coercitiva, do significado. (*Seria bom imaginar uma nova ciência linguística*; ela estudaria não mais a origem das palavras, ou etimologia, nem sequer sua difusão, ou lexicologia, *mas os progressos de sua solidificação, seu espessamento ao longo do discurso histórico*; esta ciência seria sem dúvida subversiva, manifestando muito mais que a origem histórica da verdade: sua natureza retórica, lingüística.). (BARTHES, 1987, p. 57, grifo nosso).

Le stéréotype, c'est le mot répété, hors de toute magie, de tout enthousiasme, comme s'il était naturel, comme si par miracle ce mot qui revient était à chaque fois adéquat pour des raisons différentes, comme si imiter pouvait ne plus être senti comme une imitation : mot sans-gêne, qui prétend à la consistance et ignore sa propre insistance. Nietzsche a fait cette remarque, que la « vérité » n'était que la solidification d'anciennes métaphores. Eh bien, à ce compte, le stéréotype est la voie actuelle de la « vérité », le trait palpable qui fait transiter l'ornement inventé vers la forme canoniale, contraignante, du signifié. (*Il serait bon d'imaginer une nouvelle science linguistique*; elle étudierait non plus l'origine des mots, ou étymologie, ni même leur diffusion, ou lexicologie, *mais les progrès de leur solidification, leur épaissement le long du discours historique*; cette science serait sans doute subversive, manifestant bien plus que l'origine historique de la vérité : sa nature rhétorique, langagière.). (BARTHES, 1973, p. 69, grifo nosso).

Seria preciso, para que o prazer tivesse lugar em uma teoria do texto, sentir a urgência “em *desparafusar* um pouco a teoria, em deslocar o discurso, o idioleto que se repete, toma consistência, em lhe dar a sacudida de uma questão” (BARTHES, 1987, p. 83, grifo do autor). Com o remanejamento semiológico de Kristeva, Barthes desloca o discurso de cientificidade da semiologia ao tomar os conceitos de *paragramatismo* e *intertextualidade* e reformular a relação com o Texto em sua “terceira experiência semiológica” (BARTHES, 2001a).

Kristeva, uma das entusiastas da divisão saussuriana, vê no trabalho dos Anagramas um acontecimento que encobre a teoria do signo desenvolvida no *CLG* (KRISTEVA, 1968)<sup>10</sup>. A revisão da concepção geral do texto literário no projeto de

---

<sup>10</sup> « Le problème du croisement (et de l'éclatement) de plusieurs discours étrangers dans le langage poétique a été relevé par Ferdinand de Saussure dans ses *Anagrammes*. Sans détailler ici les données et les conclusions de Saussure dans ces cahiers (*qui marquent une nouvelle étape dans la pensée sémiotique en prenant en écharpe la théorie même du signe que Saussure a développée dans son Cours*), nous allons lui emprunter un terme qui sert, à cet endroit de notre propos, à indiquer la pluralité du signifié poétique qui, refusant de se soumettre à une et une seule loi (sens), transgresse cette loi (ce sens) en en intégrant d'autres. Il s'agit du terme de paragramme. Plus général que celui d'anagramme (phénomène phonétique et, à notre sens, restreint, accidentel et inessentiel dans l'étude de Saussure) et moins anecdotique que celui d'hypogramme, ce terme désignerait la propriété du signifié poétique, en intégrant un autre signifié : a) de « donner une seconde façon d'être, factice, ajoutée pour ainsi dire à l'original du mot », b) de

Kristeva advém, principalmente, dos Anagramas<sup>11</sup> de Saussure (KRISTEVA, 1968, 2005b). Com a contribuição de Saussure, quatro são as revisões elaboradas na teoria do texto: a) “a linguagem poética ‘confere uma segunda maneira de ser, fictícia, acrescentada, por assim dizer, ao original da palavra’”; b) “existe uma correspondência de elementos entre elas, por *pares* e por rimas”; c) “as leis poéticas binárias chegam até a transgredir as leis da gramática”; d) “os elementos da *palavra-tema* (até uma letra) ‘estendem-se por sobre toda a extensão do texto, ou então, concentram-se num pequeno espaço, equivalente a uma ou duas palavras’.” (KRISTEVA, 2005b, p. 98, grifo da autora). A concepção *paragramática* da linguagem poética implica três teses maiores: a linguagem poética é a única infinidade do código; o texto literário é um duplo: escritura-leitura; o texto literário é uma rede de conexões (KRISTEVA, 2005b)<sup>12</sup>.

O posicionamento de Kristeva contra o signo saussuriano é historicamente marcado pela reestruturação global da rede de afinidades em torno da linguística. Jacques Derrida, ao deslocar “vigorosamente a noção mesma de signo, postulando o recuo dos significados, o descentramento das estruturas” (BARTHES, 2001a, p. XV), e Michel Foucault, ao acentuar “o processo do signo indicando-lhe um lugar histórico passado” (BARTHES, 2001a, p. XV), reforçam teoricamente a crítica à ciência positiva dos signos. Barthes passa, em *O prazer do texto*, a ir contra o signo positivo e científico que a linguística, como ciência-piloto das Ciências Humanas e Sociais, legou à sua semiologia. Mas a significância, herdeira dos Anagramas de Saussure e dessa divisão Saussure diurno/Saussure noturno, mostra que Barthes não se afastou de todo das ideias saussurianas: ele apenas deixa de marcar a sua posição ao se filiar à concepção *paragramática* de Kristeva, que defende a tese do “encobrimento do signo” produzida pela divisão saussuriana. Os paragramas nos levam a um dos pontos principais de *O prazer do texto*, a ideia de que:

c) o texto liquida a metalinguagem, destrói a sua “própria categoria discursiva” (seu gênero) e investe contra a própria estrutura “canônica da língua”:

Como é que um texto, que é linguagem, pode estar fora das linguagens? Como *exteriorizar* (colocar no exterior) os falares do mundo, sem se refugiar em um último falar a partir do qual os outros seriam simplesmente relatados, recitados? Desde que nomeio, sou nomeado: fico preso na rivalidade dos nomes. Como é que o texto pode se safar da guerra das ficções, dos socioletos? Por um trabalho progressivo de extenuação. Primeiro o texto liquida toda metalinguagem, e é nisso que ele é texto: nenhuma voz (Ciência, Causa, Instituição) encontra-se *por trás* daquilo que é dito. Em seguida, o texto destrói até o fim, *até a contradição*, sua própria categoria discursiva, sua referência sociolinguística (seu gênero) é o cômico que não faz rir, a ironia que não se sujeita, a jubilação sem alma, sem mística (Sarduy), a citação sem aspas. Por fim, o texto pode, se tiver gana, investir contra as estruturas canônicas da própria língua (Sollers): o léxico (neologismos exuberantes, palavras gavetas, transliterações), a sintaxe (acaba a célula lógica, acaba a frase). Trata-se, por transmutação (e não mais somente por transformação), de fazer surgir um novo estado filosófico da matéria lingüística; esse estado inaudito, esse metal incandescente, fora de origem e fora de

---

transgresser l'unicité du sens (paragramme) et de permettre une lecture plurivoque du signifié poétique » (KRISTEVA, 1968, p. 44, grifo nosso).

<sup>11</sup> Sobre a questão do paragrama em Saussure, cf. Starobinski (1971, p. 31).

<sup>12</sup> Deixaremos de lado questões específicas do projeto semiótico da autora. O que nos interessa é perceber que, em sua historicidade, a divisão saussuriana contribuiu para produzir um rasgo na semiologia barthesiana, rasgo que o fará tomar outras posições frente ao texto e à língua.

comunicação, é então coisa *de* linguagem e não *uma* linguagem, fosse esta desligada, imitada, ironizada. (BARTHES, 1987, p. 42-43, grifo do autor).

Comment un texte, qui est du langage, peut-il être hors des langages? Comment *extérioriser* (mettre à l'extérieur) les parlars du monde, sans se réfugier dans un dernier parler à partir duquel les autres seraient simplement rapportés, récités? Dès que je nomme, je suis nommé : pris dans la rivalité des noms. Comment le texte peut-il « se tirer » de la guerre des fictions, des sociolectes? — Par un travail progressif d'exténuation. D'abord le texte liquide tout méta-langage, et c'est en cela qu'il est texte : aucune voix (Science, Cause, Institution) n'est *en arrière* de ce qu'il dit. Ensuite, le texte détruit jusqu'au bout, *jusqu'à la contradiction*, sa propre catégorie discursive, sa référence socio-linguistique (son « genre ») : il est « le comique qui ne fait pas rire », l'ironie qui n'assujettit pas, la jubilation sans âme, sans mystique (Sarduy), la citation sans guillemets. Enfin, le texte peut, s'il en a envie, s'attaquer aux structures canoniques de la langue elle-même (Sollers) : le lexique (néologismes exubérants, mots-tiroirs, translitérations), la syntaxe (plus de cellule logique, plus de phrase). Il s'agit, par transmutation (et non plus seulement par transformation), de faire apparaître un nouvel état philosophie de la matière langagière; cet état inouï, ce métal incandescent, hors origine et hors communication, c'est alors *du* langage, et non *un* langage, fût-il décroché, mimé, ironisé. (BARTHES, 1973, p. 50-51, grifo do autor).

Esse trecho de *O prazer do texto* está embebido na questão trazida por Kristeva, a de que “trabalhar a língua implica, necessariamente, remontar ao próprio germe onde despontam o sentido e seu sujeito” (KRISTEVA, 2005a, p. 10). Para a autora, isso equivale a dizer que “o produtor da língua [...] é obrigado a um nascimento permanente, ou melhor, que às portas do nascimento ele *explora* o que o precede” (KRISTEVA, 2005a, p. 10, grifo da autora). Desse modo, sem estar na *origem* da linguagem e eliminando a própria questão de origem, “o texto (poético, literário ou outro) escava na superfície da palavra uma vertical, onde se buscam os modelos dessa *significância*<sup>13</sup> que a linguagem representativa e comunicativa *não recita*, mesmo se os marca” (KRISTEVA, 2005a, p. 11, grifo da autora). O texto atinge essa verticalidade por trabalhar o *significante*, “a imagem sonora que Saussure vê envolver o sentido, um *significante* que devemos pensar aqui também no sentido que lhe deu a análise lacaniana” (KRISTEVA, 2005a, p. 11).

Ao liquidar a metalinguagem, o texto liquida a própria categoria de ciência. O texto ganha uma força tamanha devido ao processo de *significância*. A *significância* destruiria a categoria discursiva do texto: o texto já não seria mais texto, mas sim pura produtividade. Para Barthes, o que é a *significância*? “É o sentido *na medida em que é produzido sensualmente*” (BARTHES, 1987, p. 79, grifo do autor). A *significância* teria um papel fundamental nessa investitura contra as estruturas canônicas da própria língua: a *significância* seria o puro prazer, seria o processo que ajuda a “libertar” o texto das teorias do significado transcendental: “o texto remete de um *significante* a outro *significante* sem jamais se fechar” (BARTHES, 2004, p. 343). Esse novo estado

---

<sup>13</sup> Segundo Kristeva (2005a, p. 11, grifo da autora), a *significância* é o “*trabalho* de diferenciação, estratificação e confronto que se pratica na língua e que deposita sobre a linha do sujeito falante uma cadeia *significante* comunicativa e gramaticalmente estruturada. A *semanálise*, que estudará no *texto* a *significância* e seus tipos, terá, pois, de atravessar o *significante* com o sujeito e o signo, assim como a organização gramatical do discurso, para atingir essa zona onde se congregam os *germes* do que *significará* na presença da língua”. Em alguns momentos de *O prazer do texto*, Barthes usa o conceito *significância* como sinônimo de *fuição* [jouissance].

filosofal da matéria lingüística, esse metal incandescente, coisa *de* linguagem, vai ao encontro daquele Saussure que “*ouve* a modernidade no formigar fônico e semântico dos versos arcaicos” (BARTHES, 2001b, p. 175, grifo do autor), que, eliminando o contrato, a clareza, a analogia, o valor, substitui o ouro do significado pelo ouro do significante, “metal não mais monetário mas poético” (BARTHES, 2001b, p. 175). Pela significância, o retorno terrificante do significante puro passa a fazer sentido — ou melhor, a produzir sentido.

Trouxemos aqui apenas alguns exemplos sobre como a divisão saussuriana contribuiu para produzir uma virada teórica da disciplina semiologia a partir de *O prazer do texto*. Se quiséssemos nos aprofundar nesse quadro do saber semiológico barthesiano, teríamos que investigar ainda outras questões presentes na obra, como a da linguística produtora de um *imaginário da linguagem* ou a da discussão que nos permite perceber até que ponto as *três teses paragramáticas* tiveram um peso histórico na virada teórica da semiologia.

Em *Aula* possivelmente poderemos responder a estas e a outras indagações: se a literatura passa a ser o espaço propício para trapacearmos com a língua, trapacearmos a língua, dado que a língua, por nos obrigar a dizer, é fascista<sup>14</sup>, o modelo da linguística saussuriana (entendamos bem: o modelo da ciência canônica, positiva, modelo criado pela divisão saussuriana<sup>15</sup>) não seria mais o da democracia? Para Barthes, o Saussure que talvez tenha se deparado com o sabor do eterno prazer do significante fortaleceria essa trapaça contra a língua trabalhada pela linguística (como modelo de ciência positiva)?

Por mais que Saussure não tome, necessariamente, o fascismo ou a democracia como modelos de língua, a leitura inusitada de Barthes encontrou nesses termos um projeto e uma provocação a questões postas por Saussure, visando desenvolver *novas questões* em sua semiologia<sup>16</sup>. Se, neste trabalho, apenas pudemos tangenciar essa problemática, é porque ela envolve uma rede conceitual amplamente engajada durante as décadas de 1960 e 1970 e que ainda produzem efeitos em nossas práticas atuais de leitura: a ideologia, a significância, a política, o poder e o prazer.

---

<sup>14</sup> “[A] língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (BARTHES, 2008, p. 14).

<sup>15</sup> “Já é um primeiro trabalho o de restabelecer na ciência da linguagem aquilo que só lhe é atribuído, fortuitamente, desdenhosamente, ou com mais frequência ainda, recusado: a semiologia (a estilística, a retórica, dizia Nietzsche), a prática, a ação ética, o entusiasmo (Nietzsche ainda). Um segundo trabalho é o de reencaixar na ciência o que vai contra ela: aqui, o texto. O texto é a linguagem sem o seu imaginário, e o que falta à ciência da linguagem para que seja manifestada sua importância geral (e não sua particularidade tecnocrática). Tudo o que é apenas tolerado ou terminantemente recusado pela linguística (como ciência canônica, positiva), a significância, a fruição, é precisamente isso que afasta o texto dos imaginários da linguagem” (BARTHES, 1987, p. 45-46).

<sup>16</sup> Denise Maldidier, Claudine Normand e Régine Robin (2010, p. 84, grifo nosso) defendem que as pesquisas semiológicas de Barthes, a partir da década de 1970, produziram uma verdadeira mudança de terreno em relação às práticas de leitura dominantes até então: “elas privilegiam os problemas do significante e a intervenção do inconsciente, e se apresentam como ‘a edificação (coletiva) de uma teoria libertadora do significante’ [...]. R. Barthes (como Foucault) se situa em um projeto de desconstrução do sujeito e da linguagem comunicativa, e define, contra o ‘texto pleno’ (clássico, resultado de uma preparação anterior), um texto plural [...], dando-se a ler, como trabalho, ‘galáxias de significantes e não estrutura de significados’”.

## REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 253 p.
- AUROUX, S. *A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências*. Campinas: RG, 2008. 160 p.
- \_\_\_\_\_. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009. 142 p.
- BARTHES, R. Ao leitor brasileiro. In: BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1971a. p. 7-8.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1971b. 116 p.
- \_\_\_\_\_. *Le plaisir du texte*. Paris : Éditions Du Seuil, 1973. 108 p.
- \_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987. 86 p.
- \_\_\_\_\_. A aventura semiológica. In: *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001a. p. XI-XVIII.
- \_\_\_\_\_. Saussure, o signo, a democracia. In: *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001b. p. 169-175.
- \_\_\_\_\_. Literatura/Ensino. In: \_\_\_\_\_. *O grão da voz: entrevistas, 1961-1980*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2008. 89 p.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000. 317 p.
- CALVET, L.-J. *Roland Barthes – Un regard politique sur le signe*. Paris : Payot, 1973. 184 p.
- \_\_\_\_\_. *Saussure: pró e contra*. São Paulo: Cultrix, 1977. 111 p.
- CHISS, J.-L.; PUECH, C. F. De Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique contemporaine. *Langages*, Paris, v. 28, n. 114, p. 41-53, 1994. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge\\_0458-726x\\_1994\\_num\\_28\\_114\\_1676](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1994_num_28_114_1676)>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- COLOMBAT, B.; FOURNIER, J.-M.; PUECH, C. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris : Klincksieck, 2010.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973. 653 p.
- FERNANDES, L. P. Roland Barthes e a linguística saussuriana. *Travessias*, Cascavel, v.10, n.2, p. 121-130, 2015. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/11916/9291>>. Acesso em: 04 abr. 2016.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível*. Campinas: Pontes, 2004. 223 p.
- GODEL, R. *Les sources manuscrits du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genève : Libraire Droz, 1969. 283 p.
- GUIMARÃES, E. *História da semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas: Pontes, 2004. 142 p.

- GUIRAUD, P. *La semiologia*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973. 133 p.
- KRISTEVA, J. O texto e sua ciência. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005a. p. 9-29.
- \_\_\_\_\_. Poésie et négativité. *L'Homme*, Paris, v. 8, n. 2, p. 36-63, 1968. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hom\\_0439-4216\\_1968\\_num\\_8\\_2\\_366977](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hom_0439-4216_1968_num_8_2_366977)>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- \_\_\_\_\_. Por uma semiologia dos paragramas. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005b. p. 97-131.
- LEROY, M. *As grandes correntes da linguística moderna*. São Paulo: Cultrix/USP, 1971. 193 p.
- MALDIDIÉ, D.; NORMAND, C.; ROBIN, R. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, E. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p. 61-98.
- MILNER, J.-C. Retour à Saussure. In: \_\_\_\_\_. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Éditions Du Seuil, 2002. p. 15-43.
- MOUNIN, G. *Introduction à la semiologie*. Paris : Éditions de Minuit, 1970. 248 p.
- NORMAND, C. *Saussure*. Paris : Les Belles Lettres, 2004. 174 p.
- ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das ideias linguísticas*. Campinas: Pontes, 2002. p. 7-12.
- PÊCHEUX, M. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n.2, p. 7-32, jul./dez. 1998.
- PERRONE-MOISÉS, L. Lição de casa. In: BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 51-89.
- \_\_\_\_\_. Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Do positivismo à desconstrução: ideias francesas na América*. São Paulo : Universidade de São Paulo, 2004. p. 213-236.
- PUECH, C. L'esprit de Saussure : reception et héritage (l'héritage linguistique saussurien : Paris contre Genève). *Les dossiers de HEL*, Paris, SHESL, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- RIBEIRO, T. de M. Jogo nas regras, jogo sobre as regras: o real da língua como um espaço de jogo na obra de Michel Pêcheux. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS DO DISCURSO DA UFBA, 2014, Salvador. *Anais eletrônicos do Seminário de Estudos do Discurso*. Salvador: UFBA, 2014. Disponível em: <[http://www.sedisufba2014.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel\\_visualiza\\_atividade.asp?ati\\_codigo=56151](http://www.sedisufba2014.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel_visualiza_atividade.asp?ati_codigo=56151)>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris : Payot & Rivages, 1995. 520 p.
- \_\_\_\_\_. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006. 278 p.

STAROBINSKI, J. *Le mots sous le mots. Les anagrammes de Ferdinand deSaussure.* Paris : Gallimard, 1971. 160 p.

TODOROV, T.; DUCROT, O. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem.* São Paulo: Perspectiva, 1977. 355 p.

**Recebido em:** 04/10/2015

**Aprovado em:** 04/04/2016